

“Santos do Povo”, Túmulos Sagrados, Turismo e Ex-votos¹

Luís Erlin Gomes GORDO²

RESUMO

As memórias populares são um forte instrumento de resistência frente aos poderes institucionais. O catolicismo popular é um exemplo claro de uma leitura oblíqua do cotidiano por parte do povo. Os santos que o povo elege para serem os seus protetores, muitas vezes não estão nos altares, estão nos túmulos, nos cemitérios, gerando uma peregrinação constante a esses locais considerados sagrados, esse turismo é produzido pela tradição oral (um dos elementos primordiais da Folkcomunicação), somente ganha destaque nas grandes mídias convencionais no dia de finados como entretenimento. O povo cria o seu próprio processo comunicacional para popularizar os seus santos e neste caso os ex-votos aparecem como exemplos concretos da eficácia desse processo. Buscaremos inventariar os túmulos dos “santos populares” da cidade de São Paulo, destacando os ex-votos como cultura visual (narrativa do agraciado), usando como metodologia a pesquisa bibliográfica bem como o *roteiro do inventário* (observação e métodos comparativos – sugestões da Folkcomunicação).

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade Popular; Folkcomunicação; Turismo; Ex-Votos.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

² Mestre em Comunicação Social e doutorando pela Universidade Metodista de São Paulo. Formado em Filosofia, Teologia e Jornalismo, é sacerdote da Congregação dos Missionários Claretianos. É editor das editoras Ave-Maria, Mundo Mirim e da revista Ave Maria. E-mail: erlin@avemaria.com.br

As regras canônicas e as regras do povo

É canonizado (segundo o catolicismo “oficial”) aquele (a) que foi inscrito no “cânon” dos reconhecidos como santos, já estão junto de Deus, são exemplos no seguimento a Cristo, e, por estarem no céu, podem interceder pelos fiéis. São três as etapas de um processo de canonização: na primeira a pessoa é considerada *Serva de Deus*, sendo “venerável”, ou seja, digna de veneração, podendo com isso popularizar o “candidato” em busca de um milagre por sua intercessão, exigência para a segunda etapa, a beatificação. E para chegar à última etapa – a canonização – é necessário mais um milagre comprovado cientificamente.

São milhares e milhares de santos e santas inscritos no “cânon” oficial da Igreja Católica em toda sua história.

Porém, na devoção popular há muitos homens e mulheres “canonizados” pelo povo, muitos desses casos são fontes de estudos da folkcomunicação, como é o caso do Padre Cícero, e tanto outros.

No livro *Ofício de Cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, Jesús Martín-Barbero escreve, em uma parte de sua obra, sobre as memórias populares e os imaginários de massa, tendo por base, sobretudo, a tradição oral como ferramenta de resistência cultural.

As memórias populares nem sempre são pautadas pela institucionalização, embora existam instituições que se apropriam de correntes orais populares e as incorporam em suas estruturas, existem uma série de outras que seguem um fluxo à margem do conceitual, do aceitável.

MARTÍN-BARBERO (2004, 162-166) cita três formas de leitura que rompem com a ideia de passividade da massa com relação ao consumo, poderíamos aplicar neste pensamento de Barbero o protagonismo das massas, sobretudo, das menos favorecidas economicamente de desviarem da rota proposta pelo catolicismo ortodoxo criando brechas em suas manifestações pragmáticas de devoção.

Neste trabalho ampliamos o conceito de leitura não reduzido ao ler técnico, mas de forma especial do ler os sinais que não estão codificados. Assim sendo a leitura, nesta nossa análise, seria uma compreensão do cotidiano – ler o dia a dia, citamos os

três tipos de “outro modo de ler” de Barbero, porém fixaremos atenção no terceiro e último:

1- *leitura coletiva*: a história é narrada em voz alta para o grupo, o que é lido não funciona como ponto de chegada, mas de partida na construção da memória.

2- *leitura expressiva*: são as manifestações espontâneas do público em geral com relação ao discurso que está sendo proferido.

3- *leitura oblíqua*: são as outras leituras que são feitas partindo de uma matriz. Barbero chama a leitura oblíqua de “reapropriação”. No catolicismo popular, podemos afirmar que a leitura que o fiel faz da religião é muito própria, ele pode professar a fé em público, manifestar essa mesma fé em comunidade através das celebrações eucarísticas, mas a sua forma de se relacionar com o mistério religioso é própria. O fiel bebe da fé proposta por uma matriz, porém ele próprio estabelece seus códigos de relação comunicacional com o sagrado.

A leitura oblíqua na religiosidade popular é o reinventar a crença, é criar seus próprios santos. Santos que lhes são próximos.

O fiel conserva suas devoções aos santos canonizados e reconhecidos pela Igreja, mas também “canoniza” os que ele julga estarem junto de Deus com poderes de intercessão por ele.

O fato de o povo eleger seus santos não é um movimento recente, desde os primórdios da Igreja Católica podemos constatar historicamente o surgimento desses movimentos religiosos que santificam alguém por afinidade.

Luís da Câmara Cascudo no seu livro *Religião no Povo*, em um capítulo intitulado *O povo faz seu santo*, descreve historicamente este processo, analisando, sobretudo essa prática religiosa em nosso território brasileiro. Por questões culturais tanto no Brasil como nos países latino-americanos as leituras oblíquas dos elementos religiosos se proliferam.

Escreve CASCUDO (2011, 106): “Voz do Povo, voz de Deus! O povo está convencido que lhe assiste o direito dessa indicação sobrenatural. [...] Delegação de sua confiança para que representassem diante de Deus as misérias e as esperanças anônimas.”

Cascudo ainda cita uma frase popular, que expressa bem a necessidade do povo de proximidade com o sagrado: “Santo por santo o de casa é mais perto.” (2011, 104)

Diferente de outros mitos atuais que se sustentam tendo por base os meios de comunicação de massa, e as redes sociais, a devoção aos “santos do povo” segue majoritariamente a tradição oral.

O processo comunicacional é quase que exclusivamente por “aquilo que se ouviu dizer”.

Folkcomunicação, oralidade e turismo espontâneo

Este processo pouco mudou desde que Luiz Beltrão, o pai da folkcomunicação, publicou o livro *Comunicação e Folclore* – em 1971. No capítulo *A informação oral*, Beltrão escreve:

[...] estórias de “milagres” de beatos e penitentes, de aparições de almas do outro mundo recomendando que se faça isso ou aquilo, de mortes cometidas em defesa da honra da família ou em retribuição a injustiças e roubos de quem são vítimas os pequenos proprietários rurais, a distribuição dos bens dos ricos com os pobres por cangaceiros e “santos”, que criam fama de heróis, como Antônio Silvino, como lampião, como Padre Cícero do Juazeiro. (1971, 48)

Os santos do povo adquirem fama e são cultuados pela força da tradição oral.

Em geral o local de culto não é no templo, na igreja ou nas capelas, os “santos populares” são venerados em seus túmulos, que acabaram virando um ponto turístico nos cemitérios. Em alguns casos até um entretenimento local, pois a visita a esses túmulos são incorporados como curiosidades da região.

O turismo não é estruturado como costumamos presenciar na indústria do entretenimento.

O turismo aos túmulos milagreiros é espontâneo.

A fama do local, ou seja, do jazigo, também é construído pela oralidade. Em quase todos os cemitérios existe um túmulo que recebe visitas constantes durante o ano, em cemitérios do interior do Brasil a visitação a esses túmulos são bem frequentes.

O site *São Paulo Antiga* publicou um artigo em 2014 de Gláucia Garcia sobre os santos populares paulistanos. Nas palavras de Garcia podemos perceber a importância da conservação da memória da cultura de um povo através da veneração aos “santos populares”:

A devoção aos santos da Igreja Católica é uma prática antiga que chegou ao Brasil através da colonização portuguesa. Ao longo do tempo, as culturas indígenas e africanas foram introduzidas ganhando outros significados e os cemitérios são um bom exemplo desse discernimento. O cemitério é um local que abriga não somente o morto. Além disso, abriga a história de vida de uma determinada pessoa que dependendo do motivo da morte, pode se tornar um *santo popular*. Esses santos populares estão longe dos altares das igrejas católicas, mas bem próximo do coração do povo. Não são reconhecidos pela Igreja, mas o seu reconhecimento está presente nas manifestações de fé e na devoção, já que eles foram santificados pelo povo.

A “eleição” dos “santos populares”; bem como a manifestação devocional que acompanha os fiéis; a preservação da memória de uma cultura e o turismo local produzido pela oralidade são elementos fundamentais que insere esta manifestação religiosa no processo comunicacional defendido pela folkcomunicação.

A visitação aos túmulos dos “santos populares” acontece durante todo o ano, nos cemitérios da Cidade de São Paulo que visitamos e elencaremos em seguida, conversamos com as administrações dos distintos cemitérios e os funcionários afirmaram que praticamente todos os dias esses túmulos são visitados. Porém três dias se destacam com visitação maior, o dia do nascimento do “santo”, da morte e o ápice de público é em finados, cujo motivo principal da visita “curiosa” é o entretenimento.

Outro indício de que os túmulos são visitados com regularidade é a quantidade de ex-votos sobre os jazigos. Em muitos casos as flores e os doces eram do dia, as placas de agradecimento são datadas de diferentes períodos, inclusive muitas atuais.

No dia de finados a grande mídia costuma se apropriar destas manifestações religiosas para enriquecer suas pautas, o destaque dessas reportagens geralmente é o entretenimento. Como foi o caso de uma reportagem do portal G1 da Edição de São

Paulo que publicou o artigo *Fieis deixam flores e doces nos túmulos dos 'santos populares'* – a matéria é datada de 02/11/2007 – o mesmo teor foi transmitido em reportagem no jornal televisivo (SPTV – Segunda Edição) da Rede Globo: “Centenas de pessoas passaram nesta sexta-feira (2), Feriado de Finados, pelos túmulos de ‘santos populares’, a quem se atribuem milagres não reconhecidos pela igreja. Para agradecer, devotos deixam mensagem, flores e, em alguns casos, até doces e refrigerantes”. (G1, 02/11/07)

Os “santos populares” de São Paulo³

1- Cemitério da Penha⁴

* **Júlio César Rodrigues** – conhecido como “**santo cézinha**”, nasceu em 1903 tendo falecido em 1908. Existem duas versões para a causa de sua morte, a primeira seria meningite, a outra diz que ele se engasgou com a chupeta.

A frequência de ex-votos sinaliza que o túmulo é bastante visitado. Sob o jazigo estão alguns doces, guaraná e iogurte. Vemos também algumas placas de agradecimento com diferentes datas.

No centro do túmulo está a estátua de um anjo, em volta do pescoço da imagem estão penduradas dezenas de chupetas algumas mais antigas e outras recém-colocadas. O anjo está ornamentado com um manto azul claro de cetim.



³ A metodologia utilizada é a visita presencial e a observação, essa técnica é uma sugestão dos estudos da Folkcomunicação, intitulada “roteiro de inventário” do livro *Mídia e Cultura Popular* (p. 80-82) de José Marques de Melo. Também conversamos informalmente com funcionários dos cemitérios e com visitantes. Nossas visitas foram realizadas nos dias 27, 28 e 29 de Abril de 2016.

⁴ Todas as fotos utilizadas neste artigo são de nossa autoria (crédito: Luís Erlin)

2- Cemitério da Quarta Parada

* **Arnaldo Luiz Rodrigues Marinz** – nasceu em 05 de março de 1967 e faleceu em 16 de junho de 1967. A causa da morte é desconhecida, bem como o início da fama de santidade.

No dia que vistamos o túmulo vimos dois vasos de flores e uma lata de Coca-Cola ao lado da foto do menino.



* **Felisbina Müller** – Não há registro de seu nascimento, sua morte teria ocorrido em 1923. Não se sabe quase nada sobre sua vida, a peregrinação ao seu túmulo começou depois que tentaram exuma-la por três vezes, porém seu corpo estava intacto, com esse fato correu a informação que se tratava de uma santa.

Os ex-votos no túmulo de Felisbina se resumem a placas de agradecimento, são mais de trezentas placas de mármore, são placas coladas sob placas, verifica-se pelo menos seis camadas de placas, as visíveis são as mais recentes.

Outro fato curioso é que os ex-votos (placas) estão colados na parede traseira de um túmulo vizinho, pois o jazigo de Felisbina é baixo não comportando tantos ex-votos.



3- Cemitério São Paulo

* **Maria Izilda de Castro Ribeiro** – conhecida como **Menina Izildinha**. Nasceu em Guimarães (Portugal), faleceu com treze anos de idade no ano de 1911, vítima da leucemia.

Na década de 1950, seu irmão decidiu exumar seu corpo, pois ele se mudaria para o Brasil, na exumação constatou-se que seu corpo estava intacto. Assim que chegou ao Brasil, a comunidade portuguesa recebeu o corpo da menina já considerada “santa”. Seus restos mortais foram sepultados no Cemitério São Paulo. No ano de 1958, seu irmão resolveu se mudar para Monte Mor (SP) – e novamente trasladou o corpo da menina.

Em Monte Mor seu corpo também foi recebido com festa, e fizeram um jazigo na praça da cidade e não no cemitério.

A peregrinação ao túmulo de Izildinha no cemitério São Paulo continuou mesmo sem o seu corpo presente.

Segundo relatos na década de 1960, seu irmão resolveu voltar para São Paulo, e a população de Monte Mor entrou na justiça para impedir que o corpo fosse removido. Izildinha permanece em Monte Mor.

As flores e as velas são os ex-votos mais utilizados para homenagear Izildinha. No túmulo há um “QR colde” – contendo a história e curiosidades sobre a menina.



4- Cemitério Araça

* **João dos Santos Franco Sobrinho** – conhecido como o **Menino Guga** – nascido em 11 de setembro de 1943 e falecido em 07 de junho de 1946, com três anos de idade.

Segundo o relato de um coveiro as pessoas afirmam que o menino começou a falar e andar bem antes do tempo. Outro fato, considerado miraculoso foi que ele teria predito a própria morte.

No mesmo túmulo estão sepultados os corpos de Dona Felícia e Estanilau, fundadores da Associação Brasileira de Umbanda.

Os ex-votos são bilhetes, doces e pequenas plaquinhas de plástico, depositados dentro de um grande vaso no centro do túmulo. Os escritos de ação de graças estavam dedicados tanto ao Menino Guga, quanto a Felícia e Estanislau.



5- Cemitério Santo Amaro

* **Antônio Bento do Portão** – popularmente conhecido como **Bento do Portão**, nasceu em 29 de janeiro de 1875 e faleceu no dia 29 de junho de 1917.

Reza a lenda criada em torno da figura de Bento que ele era um mendigo que vivia na região do cemitério de Santo Amaro, próximo ao portão, assim entendemos o seu nome popular.

Bento vivia de esmolas e do dinheiro que recebia fazendo alguns serviços sazonais para os moradores da localidade.

Ele era conhecido antes da morte por ser “milagreiro”, pois era benzedeiro e curandeiro, chamado com frequência para rezar por alguém doente.

Bento do Portão morreu no local que era visto com frequência, diante do portão do cemitério.

No ano de 2002 foi inaugurado um memorial no local do seu túmulo.

O site *Sampa OnLine* publicou uma matéria de Andrezza Carvalho Amone noticiando este evento, reproduzimos neste artigo pois os aspectos do turismo e do entretenimento religiosos são evidenciados:

O Santo popular Santamarense, Bento do Portão, recebeu no domingo dia 8 de julho, um memorial inaugurado em seu nome no cemitério de Santo Amaro, zona sul, onde está sepultado desde 29 de junho de 1917. Dezenas de pessoas, além de autoridades locais e famílias tradicionais da história de Santo Amaro compareceram para prestar homenagem. Durante a cerimônia foi celebrada uma Missa em sua memória, além da apresentação do grupo Folclórico Santamarense. Nascido na Bahia, no dia 29 de janeiro de 1875, Antonio Bento viveu em Santo Amaro como mendigo e curandeiro. Em troca de um prato de comida, um cigarro de palha e até mesmo uma bala, ele cortava lenha e carregava água para os moradores da região. Quando a fome apertava, sentava nos degraus das entradas das residências e logo recebia algo para comer – daí o nome Bento do Portão. Homem simples e caridoso, Antonio Bento era admirado por crianças e adultos. Mas, naquela manhã de 1917, antes mesmo de receber seu pedaço de pão e sua xícara de café

trazidos todos os dias por uma moradora, foi encontrado morto próximo à entrada principal do cemitério de Santo Amaro. Pessoas da região dizem que, sete anos após sua morte, ao ser feita a exumação de seu corpo, este se encontrava intacto, sem nenhum sinal de decomposição. Muitos milagres são atribuídos ao santo Santamarense. O primeiro deles ocorreu no dia dois de fevereiro de 1922 quando uma mulher, precisando amputar as duas pernas, pediu-lhe ajuda e teve seu desejo atendido, livrando-se da operação. Antônio Bento tornou-se conhecido em Santo Amaro e até mesmo em outras cidades. Segundo o administrador do cemitério, aproximadamente 700 devotos visitam por mês seu túmulo. Sempre às segundas-feiras é organizado um terço e às terças-feiras uma novena para reverenciar sua memória, fazer pedidos, orações e render-lhes homenagens. Em seu túmulo podemos encontrar centenas de placas e fotos de graças alcançadas. (AMONE, 08/06/2002)

Os ex-votos são abundantes e sua tipologia variada, predominando placas de bronze e mármore, flores, alimentos, fitas de tecido do agradecimento.

Uma senhora que cuidava do túmulo afirmou que em breve será montada uma sala de milagres para a exposição dos ex-votos, a sala ficará no segundo andar de um sobrado localizado de frente ao portão do cemitério.

O túmulo é cuidado por membros da Igreja Apostólica Divina Luz, mas a frequência de visitas é de pessoas de diversas crenças.





* **Menina Noêmia** – mais conhecida como **Noeminha**, são poucas as informações sobre a menina, uma placa sob o túmulo apresenta sua data de nascimento 01 de março de 1898 e de falecimento 06 de outubro do mesmo ano. Ou seja, faleceu com seis meses de idade.

Os ex-votos mais frequentes são placas de bronze, brinquedos, flores e doces. O túmulo fica a poucos metros do memorial Bento do Portão.



6- Cemitério da Consolação

* **Maria Judith de Barros** – não há registro da data de seu nascimento, sua morte teria ocorrido no ano de 1938. Segundo a lenda Maria Judith sofria com a violência de seu marido, em uma dessas agressões veio a falecer.

O túmulo de Maria Judith é visitado preferencialmente por vestibulandos ou pessoas que prestarão concursos, a grande parte dos ex-votos em formato de placas, são agradecimentos pelo bom êxito no vestibular. Não há registros que expliquem a razão dela ser considerada protetora dos vestibulandos. É um dos túmulos mais visitados do Cemitério da Consolação.



* **Antônio da Rocha Marmo** – popularmente conhecido como **Antoninho**. Nasceu em 19 de outubro de 1918 e faleceu dia 21 de dezembro de 1930, foi uma criança católica fervorosa. Era conhecido em vida por prever acontecimentos futuros, prevendo inclusive a própria morte. Suas brincadeiras estavam relacionadas às coisas da fé católica, brincava de celebrar missa, por exemplo. Morreu com 12 anos de tuberculose.

Os ex-votos do tipo placas de bronze começaram a aparecer em seu túmulo logo após sua morte, pois morreu com fama de santidade. Também é possível ver sob o túmulo alguns doces, flores e alguns agradecimentos escritos em papel.

Antoninho se diferencia dos outros santos populares, pois seu processo de canonização está em andamento de forma regular dentro da Igreja Católica, ele é considerado *Servo de Deus*, primeiro passo dentro do processo. Inclusive em seu túmulo além das diversas placas votivas, está uma oração oficial da Igreja pedindo por sua canonização, assinada pelo cardeal de São Paulo Dom Odilo Scherer.

Dos túmulos dos “santos populares” é um dos mais visitados na cidade de São Paulo.





A título de conclusão

Ao visitarmos os cemitérios da cidade de São Paulo percebemos a quantidade expressiva de santos populares “canonizados” pelo povo, podemos dizer que a eleição desses “santos” pela voz popular não é simplesmente uma expressão religiosa, mas, sobretudo a preservação da memória cultural de uma localidade.

O “santo eleito” é alguém próximo, que viveu naquela localidade, criando assim pertença cultural em seus devotos.

A fama do santo se concretiza pela tradição oral, fator esse de suma importância nos estudos dos processos comunicacionais, a povo resiste ao poder imposto e cria suas brechas.

Os elementos folkcomunicacionais da expressão votiva do povo que visita os túmulos sagrados nos fazem perceber a necessidade de ampliarmos nossa visão acadêmica, buscando no cotidiano do “marginalizado” (como dizia Beltrão) a história de uma nação distante muitas vezes da mídia institucionalizada.

Por fim, termino com uma frase da pesquisadora Gláucia Garcia, que nos faz entender a riqueza cultural do turismo em cemitérios: “A importância da conservação da memória destes santos populares é fundamental para o desenvolvimento do turismo

cemiterial e para a desmistificação do espaço mortuário, já que os cemitérios são locais que carregam muito de nossa história, tanto em São Paulo como no restante do Brasil”. (GARCIA, 2014)

REFERÊNCIAS

AMONE, Andrezza Carvalho. *Bento do Portão ganha memorial no Cemitério de santo Amaro*. **SAMPAONLINE**, 08 de julho de 2002. Disponível em: <http://www.sampaonline.com.br/reportagens/bentodoportao2002jul07.htm>. Acesso em: 30 abr.2016.

ARAGÃO, Ivan Rego. *Reflexões acerca do turismo cultural-religioso e festa católica no Brasil*. **Revista Grifos**, N. 36/37, 2014. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/2521>>. Acesso em: 30 abr.2016.

BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no Povo*. São Paulo: Global, 2011.

GARCIA, Gláucia. *Os santos populares paulistanos*. **São Paulo Antiga**, 2014. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/>. Acesso em: 30 abr. 2016.

GORDO, Luís Erlin Gomes. *Ex-votos – a saga da comunicação perseguida*. São Paulo: Ave-Maria, 2015.

MARQUES DE MELO, José. *Mídia e cultura popular: história, taxinomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Centro Universitário Adventista de São Paulo - EC, SP, 18/8/2016

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo – travesias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

PORTAL G1. *Fieis deixam flores e doces nos túmulos dos “santos populares”*. **Globo**, 02/11/2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL167531-5605,00FIEIS+DEIXAM+FLORES+E+DOCES+NOS+TUMULOS+DOS+SANTOS+POPULARES.html>. Acesso em: 30 abr.2016.